

APRESENTAÇÃO

DISCURSOS E PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES

A história das Ciências no Ocidente é marcada pela construção da disciplinaridade, isto é, da construção de epistemologias próprias a cada área do conhecimento humano. Impulsionada pela racionalidade cartesiana da Modernidade, essa trajetória, se, por um lado, garantiu uma identidade a cada Ciência e a necessária profundidade teórica, por outro, compartimentou a forma como olhamos para o mundo. Desde esse momento, seccionamos o todo, dissecamos em partes, fragmentamos o que é inteiro. Tudo isso em nome da especialização, da ultraespecialização. Dentre os resultados desse processo, ressalto aqui os limites, muitas vezes intransponíveis, que foram erguidos na poeira (histórica) da disciplinaridade. Podemos até dominar o universo micro no qual nos encastelamos, mas não enxergamos por cima dos muros. Perdemos o horizonte amplo, não enxergamos mais as profundas e as belas conexões escritas pela paisagem... Obviamente, esses limites já não servem mais, e a cegueira a que nos condenaram incomoda. O movimento intenso na contemporaneidade é pela busca da complexidade, pela visão amplificada, por estabelecer diálogos que integrem as partes, por borrar as fronteiras disciplinares. Conseguiremos?

Essa perspectiva tem pautado os pressupostos e as ações do projeto de extensão “Múltiplas Leituras: povos indígenas e interculturalidade”, protagonizado pelo curso de História da Universidade Feevale. Atuando junto à comunidade Kaingang Por Fi, localizada em São Leopoldo, o *Múltiplas* tem buscado cotidianamente construir diálogos interdisciplinares a partir da inserção de professores e acadêmicos das áreas de História,

Artes Visuais, Pedagogia, Letras e Direito. Semanalmente, realizam-se ações de assessoria jurídica e educacional, em um planejamento pensado em conjunto e em consonância com as demandas e os interesses da comunidade. Também é prerrogativa do projeto propor espaços de formação sobre a temática indígena para a sociedade não indígena, objetivando contribuir para a diminuição do preconceito existente. E a nossa tentativa se direciona sempre por construir propostas que se complementem, que dialoguem e promovam trocas.

Como fazer isso, pensando nos entraves colocados pela prática cotidiana repleta de tarefas que nos isolam e pela constituição mesma de nosso olhar compartimentalizado? Para nós, foi acontecendo no encontro de planejamento, nas ideias trocadas por *e-mail*, nos textos lidos, na carona compartilhada, no estar lá, “tudo junto, misturado”, na vivência intercultural com a cosmovisão Kaingang... Mais ou menos assim: é muitas vezes a percepção de uma voluntária da Pedagogia que mobiliza o mote para um trabalho de expressão artística que trabalha com a palavra escrita numa cultura oral, a qual é pesquisada e registrada pelas Letras e contextualizada pela História, que depois contribui para legitimar a luta que o Direito põe em ação para garantir e efetivar a escola indígena onde todos se movimentam... Ou o caminho inverso, não importa. Estamos nos retroalimentando, o tempo todo.

O que intento mostrar é que a interdisciplinaridade, quando borra fronteiras, provoca fricções que são pontos de contato e também

de atrito, gerando movimento. E esse movimento é diverso, posto que não é mais linear, hierarquizado, mas circular. Talvez – e que bom! – estejamos mais do que tecendo diálogos interdisciplinares, mas aprendendo com os Kaingang a reciprocidade da vida, o ir e vir, o fluxo vivo que se estabelece quando não mais partimos em pedaços. E o que vislumbramos aqui do alto do muro? O horizonte, infinito, é belo.

Estão aqui, reunidas neste número, outras tantas possibilidades de movimento integrador. Boa leitura!

Prof.^a Me. Inês Caroline Reichert
Professora do Curso de História
Líder do Projeto de Extensão “Múltiplas
Leituras: povos indígenas
e interculturalidade”